

A SEMANA – 134

John Gledson

Machado, nascido em 21 de junho, achava-se “filho do frio”: natural que, quando faz calor, sonhe com um inverno escandinavo, trazido por dois navios. A seguir, encena um novo diálogo com José Rodrigues, mais ignaro e tolo do que nunca, que começa com a falta de carne verde, assunto recorrente nos jornais, e que trata ironicamente, com certo sangue frio – como diz *O Paiz*, nem todo mundo depende de carne para comer. Finalmente, vai aos terremotos recentes na Europa, para pressentir um desastre maior, um “parto” da terra, motivo recorrente nestas crônicas (ver p.ex. a de 1º de outubro de 1893 – “o mundo está para ver alguma coisa mais grave do que pensas”), e que se deve em parte à iminência do fim do século. Há forças históricas mais concretas, porém, sendo uma delas a expansão imperialista na África e noutros continentes, a que alude no último parágrafo, e que chegava a seu auge nesta década.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 191-195.



A SEMANA

23 de dezembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A semana acabou fresca, tendo começado e continuado horripelmente cálida. Até quinta-feira à noite ninguém podia respirar. Sexta-feira trouxe mudança de tempo e baixa de temperatura. O fenômeno explicar-se-ia naturalmente, em qualquer ocasião, mas houve uma coincidência que me leva a atribuí-lo a causas transcendentais. Se cuidas que aludo ao encerramento do Congresso Nacional, enganas-te. O calor do Congresso tinha-se ido, há muito, com a câmara dos deputados.¹ O senado, apesar da troca de regímen e do mínimo da idade,² há de ser sempre a antiga Sibéria, pelo próprio caráter da instituição. Não, a causa foi outra.

A causa foi o banquete que o ministro da Suécia e Noruega³ deu aos comandantes e oficiais da corveta e da canhoneira ancoradas no nosso porto, banquete a que assistiram os cônsules da Holanda e da Dinamarca.⁴ Homens do norte, amassados com gelo, curtidos com ventos ásperos, uma vez reunidos à volta da mesa, comunicaram uns aos outros as sensações antigas, e, por sugestão, transportaram para aqui algumas braçadas daqueles climas remotos. Estando em dezembro, evocaram o seu inverno deles, que não é o nosso moço lépido de S. João, mas um velho pesado do Natal. Já antes da sopa, deviam tremer de frio. Eu próprio, ao ler-lhes os nomes, levantei a gola do fraque. Os bigodes pingavam neve. As rajadas de vento levavam os guardanapos.

Tendo sido na noite de quarta-feira o banquete escandinavo, o nosso céu ainda resistiu durante a quinta-feira, e com tal desespero que parecia queimar tudo; mas na sexta-feira já não pôde, e não teve remédio senão chover e ventar. Não choveu, nem ventou muito, não chegou a nevar, mas fez-nos respirar, e basta. O que talvez não baste, é a explicação. Espíritos rasteiros não podem aceitar razões de certa elevação, mas com esses não se teima. Faz-se o que fiz sexta-feira ao meu criado, quando ele me entrou no

¹ O Congresso encerrou suas atividades no dia 20 de dezembro. Já a Câmara dos Deputados deixara de funcionar por vários dias, por falta de número.

² A idade mínima para ser senador, que tinha sido 40 anos durante o império, tinha sido reduzida para 35.

³ Neste momento, Noruega estava sujeita à coroa sueca, embora com parlamento próprio. Em 1905 ficaria totalmente independente.

⁴ Não localizei a reportagem sobre este banquete, que sem dúvida Machado não inventou.

gabinete para anunciar que não havia carne.⁵ Trazia os cabelos em pé, os olhos esbugalhados, a boca aberta, e só falou depois que a minha frieza, totalmente escandinava, não correspondendo a tanto assombro, acendeu nele o desejo de me dar a grande novidade. Eu, cada vez mais escandinavo, respondi-lhe que, se não havia carne, havia outras coisas. Não contestou a sabedoria da resposta, mas confessou que a razão do espanto e consternação em que vinha, era o receio de não haver mais carne neste mundo.

– Não entendendo de leis, concluiu José Rodrigues, cuidei que era alguma lei nova que mandava acabar com a carne...

Este José Rodrigues é bom, é diligente, respeitoso, mas coxeia do intelecto, não que seja doido, mas é estúpido. Não digo burro; burro com fala seria mais inteligente que ele. Ontem, depois do almoço, veio ter comigo, trazendo uma folha na mão:

– Patrão, leio aqui estes dois anúncios: “Para tosses rebeldes, xarope de jamacaru.” – “Para intendente municipal, Calixto⁶ José de Paiva.”⁷ Qual destes dois remédios é melhor? E que moléstia é essa que nunca vi?

– Tu és tolo, José Rodrigues.

– Com perdão da palavra, sim, senhor.

– Pois se as moléstias são duas, como é que me perguntas qual dos remédios é melhor? É claro que ambos são bons, um para tosses rebeldes, outro para intendente municipal.

– E esta moléstia é como a neurastenia,⁸ que o patrão me ensinou a dizer, e ainda não sei se digo direito, – a tal moléstia nova, que é bem antiga; é a que chamávamos espinhela caída. Ou intendente será assim coisa de dentes?... O patrão desculpe; eu não andei por escolas, não aprendi leis nem medicina...

– José Rodrigues, há coisas que, não se entendendo logo, nunca mais se entendem. Onde andas tu que não sabes o que é intendente? Sabes o que é vereador?

– Vereador, sei; é o homem que o povo põe na câmara para ver as coisas da cidade, a limpeza, a água, os lampiões.

– Pois é a mesma coisa.

⁵ Essa semana, o mercado do Rio de Janeiro esteve sem carne fresca alguns dias. A *Gazeta*, sob a manchete A FOME, culpa a mesma crise dos transportes mencionada na crônica de 4 de novembro de 1894. No dia 21, diz: “Nesta capital, infelizmente estamos ameaçados de uma privação semelhante [à de algumas vilas do interior]: hoje não haverá carne no mercado, porque o estoque de gado em Santa Cruz esgotou-se, e nenhum entrou do Rio da Prata, por causa da quarentena. Apenas dezesseis reses foram abatidas para uso dos hospitais.” No dia seguinte, porém, *O Paiz* ataca o alarmismo: “A fome! Não há tal! (...) é porventura a carne verde alimentação do pobre? Não, não é!”

⁶ Assim na *Gazeta*, e em Mário de Alencar. Aurélio moderniza para Calisto. Achamos melhor manter a forma original, ligeiramente mais cômica.

⁷ O número destes anúncios para os novos intendentes, praticamente todos desta forma, sem mais, começava a aumentar. As eleições aconteceriam no dia 6 de janeiro.

⁸ A neurastenia foi inventada em 1829, e virou diagnóstico popular para explicar sintomas como fadiga, ansiedade, enxaquecas e depressão. Continuou a ser usada até bem entrado o séc. XX, sendo hoje desacreditada. Já na década de 1890 havia dúvidas, que Machado obviamente compartilhava.

– A mesma coisa? Entendo; é como a espinhela caída, que hoje se chama anatomia ou neurastenia. Pois, sim, senhor. Intendente é o mesmo que vereador. Cura-se então com o Paiva do anúncio? Mas, se o Paiva é remédio, conforme diz o patrão, não entendo que se aplique a neurastenia ou intendente...

– Tu não estás bom, José Rodrigues; vai-te embora.

– Para dizer a minha verdade, bom, bom, não estou; amanheci com uma dor do lado, que não posso respirar, e é por isso que vim perguntar ao patrão se era melhor o xarope, se o Paiva. Talvez o Paiva seja mais barato que o xarope. Isto de remédios, não é o serem mais caros... Às vezes os mais caros não prestam para nada, e um de pouco preço cura que faz gosto. Mas, enfim, não faço questão de preço. A saúde merece tudo. Vou ao Paiva... isto é, o jornal fala também de um Canedo, para a mesma moléstia... Não é Canedo que se diz? Talvez o Canedo seja ainda mais barato que o Paiva.

– Isto é coisa que só à vista das contas do boticário. Toma o que puderes; mas, antes disso, faz-me um favor. Vai ver se eu estou no largo da Carioca.

– Sim, senhor. Se não estiver, volto?

– Espera primeiro até às cinco horas; se até às cinco horas não me achares, é que não estou, e então volta para casa.

– Muito bem; mas se o patrão lá estiver, que quer que lhe faça?

– Puxa-me o nariz.

– Ah! isso não! Confianças dessas não são comigo. Gracejar, gracejo, e o patrão faz-me o favor de rir; mas não se puxa o nariz a um homem...

– Bem, dá-me então as boas tardes e vem-te embora para casa.

– Perfeitamente.

Enquanto ele ia ao largo da Carioca, fui-me eu às notas da semana, e não achei mais nada que valesse a pena, salvo o planeta que se descobriu entre Marte e Mercúrio.⁹ Mas isso mesmo, para quem não é astrônomo, vale pouco ou nada; não que as grandezas do céu estejam trancadas aos olhos ignaros, francas estão, e o ínfimo dos homens pode admirá-las. Não é isso; é que um astrônomo diria sobre este novo planeta coisas importantes. Que direi eu? Nada ou algum absurdo. Buscaria achar alguma relação entre os planetas que aparecem e as cidades que ameaçam desaparecer com terremotos. A Calábria padeceu mais com eles que com os salteadores; pouco é o chão seguro debaixo dos pés das belas italianas ou do fortíssimo Crispi.¹⁰ Na Hungria houve um tremor há dois dias; outras partes do mundo têm sido abaladas.

⁹ Não localizei esta notícia, estranha em si mesma – irônico-fictícia, talvez?

¹⁰ Neste momento, Francesco Crispi (1818-1901), o homem forte da política italiana, estava no poder pela segunda vez, tendo derrotado seu rival Giolitti em dezembro de 1893. Tinha sido alvo de uma tentativa de assassinato em junho de 1894. Calábria tinha sofrido um terremoto sério em 16 de novembro. De Budapeste as notícias são mais recentes – vem no dia 22 este telegrama, n’*O Paiz*: “Sentiu-se um forte tremor de terra no sudeste da Hungria. Contam-se algumas casas derrubadas e pereceram diversas pessoas.”

Andará a terra com dores de parto, e alguma coisa vai sair dela, que ninguém espera nem sonha? Tudo é possível. Quem sabe se o planeta novo não foi o filho que ela deu à luz por ocasião dos tremores italianos? Assim, podemos fazer uma astronomia nova; todos os planetas são filhos do consórcio da terra e do sol, cuja primogênita é a lua, anêmica e solteirona. Os demais planetas nasceram pequenos, cresceram com os anos, casaram e povoaram o céu com estrelas. Aí está uma astronomia que Júlio Verne podia meter em romances, e Flammarion em décimas.¹¹

Também se pode tirar daqui uma política internacional. Quando a África e o que resta por ocupar e civilizar, estiver ocupado e civilizado, os planetas que aparecerem, ficarão pertencendo aos países cujas entranhas houverem sido abaladas na ocasião com terremotos; são propriamente seus filhos. Restará conquistá-los; mas o tetraneto de Edison terá resolvido este problema, colocando os planetas ao alcance dos homens, por meio de um parafuso elétrico e quase infinito.



¹¹ Camille Flammarion (1842-1925), cientista francês, foi uma figura curiosa, mistura de astrônomo e místico spiritista, que também escreveu ficção científica, e livros de ciência popular. Não encontrei referências a livros de poesia, mas dada a sua enorme bibliografia, é possível que existam.